

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-
GRADUAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO

ALIZIANE ZANONI

**O MÉTODO COM O LÚDICO PARA SUPRIR A CARÊNCIA AFETIVA
E DESENVOLVER O COGNITIVO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2020

ALIZIANE ZANONI



**O MÉTODO COM O LÚDICO PARA SUPRIR A CARÊNCIA AFETIVA
E DESENVOLVER O COGNITIVO**

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Monografia apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de Especialista na Pós
Graduação em Educação: Métodos e Técnicas
de Ensino - Polo UAB do Município de
Medianeira, Modalidade de Ensino a Distância,
da Universidade Tecnológica Federal do Paraná
- UTFPR - Câmpus Medianeira.

Orientadora: Prof^ª Ma. Flóida M. R. C. Batista

MEDIANEIRA

2020



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de
Ensino



TERMO DE APROVAÇÃO

O método com o lúdico para suprir a carência afetiva e desenvolver o lúdico

Por

Aliziane Zanoni

Esta monografia foi apresentada às 18h30 do dia 18 **de Setembro de 2020** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Medianeira, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

Prof^a. Ma. Flóida Moura Rocha Carlesso Batista
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof Me. Neron Alipio Cortes Berghauer
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Dr^a Ivone Teresinha Carletto de Lima
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso-

RESUMO

ZANONI, Aliziane. **O método com o lúdico para suprir a carência afetiva e desenvolver o cognitivo.** 2020. 40 f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

As dificuldades de aprendizagem muitas vezes são desencadeadas por situações sócias, afetivas, econômicas, e todos fatores influenciam no desenvolvimento cognitivo, porém a ausência da afetividade tem elevado os índices de dificuldades, indisciplina, desinteresse e evasão escolar. A construção do conhecimento se dá em virtude de uma interação de contextos na qual a criança, adolescente está inserida, e que não se pode separar o social, familiar, escolar, pois em todos estes ambientes envolvem as constantes mudanças físicas, psicológicas, motoras e cognitivas, desde os primeiros anos de vida até a fase adulta. O desenvolvimento cognitivo é a capacidade de pensar, compreender e processar um novo conhecimento, uma nova habilidade, ou seja, desenvolver novas conexões mentais. Muitas pesquisas relatam como o emocional na atualidade tem prejudicado esse processo, levando desta forma a problemas de aprendizagem, esses muitas vezes sendo diagnosticados como dificuldade para apreender e tratados erroneamente com medicações. Por que as crianças com ausência da afetividade perdem o interesse no aprender e como esse fator interfere no seu desenvolvimento? Desta forma o objetivo desta pesquisa foi conhecer as etapas do desenvolvimento cognitivo e como o lúdico e a afetividade podem auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem. A metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica, qualitativa, buscando compreender por meio de diversos autores como ocorre a aprendizagem, as diferentes dificuldades e qual seria a melhor proposta pedagógica necessária para que todos os profissionais envolvidos devem utilizar, bem como analisar dentre outros fatores, como a carência afetiva, problemas sociais, interferem na construção da personalidade, no desenvolvimento do caráter infantil e automaticamente no desenvolvimento cognitivo. E sem dúvida o trabalho com o lúdico desperta na criança todo o conceito de boa convivência, socializando-a não apenas para o meio escolar como para a vida fora dela, portanto na análise bibliográfica ficou comprovada a extrema necessidade da criança estar emocionalmente equilibrada e como o afeto influência para que a aprendizagem acontece de forma mais prazerosa e natural.

Palavras-chave: Afetividade. Desenvolvimento Cognitivo. Aprendizagem. Lúdico.

ABSTRACT

ZANONI, Aliziane. **The playful method to supply the emotional deficiency and develop the cognitive.** 2020.40 f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

Learning difficulties are often triggered by social, affective, economic situations, and all factors influence cognitive development, but the absence of affectivity has increased the rates of difficulties, indiscipline, disinterest, and school dropout. The construction of knowledge occurs due to an interaction of contexts where the child, adolescent is inserted, where the social, family, school cannot be separated, because in all these environments they involve constant physical, psychological, motor and cognitive changes, from the first years of life to adulthood. Cognitive development is the ability to think, understand and process new knowledge, a new skill, that is, to develop new mental connections. Many researchers report how the emotional at the present time has hindered this process, thus leading to learning problems, which are often diagnosed as difficulty to apprehend and treated wrongly with medications. Why do children with no affectivity lose interest in learning and how does this factor interfere with their development? Thus, the objective of this research was to know the stages of cognitive development and how playfulness and affection can help in the development of learning. The methodology used was bibliographic, qualitative research, seeking to understand through different authors how learning occurs, the different difficulties and what would be the best pedagogical proposal necessary for all professionals involved to use, as well as analyzing, among other factors, how lack of affection, social problems, interfere in the construction of personality, in the development of children's character and automatically in cognitive development. Undoubtedly, working with playfulness awakens in the child the whole concept of good coexistence, socializing him not only for the school environment but for life outside of it, so in the bibliographic analysis it was proved the extreme need for the child to be emotionally balanced and as the affect influence so that learning happens in a more pleasant and natural way.

Keywords: Affectivity. Cognitive development. Learning. Ludic.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	12
3	DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	13
3.1	TEORIAS QUE INFLUENCIAM O DESENVOLVIMENT COGNITIVO.....	13
3.1.1	Contribuições Sob o Ponto de Vista de Piaget	15
3.1.2	Contribuições Sob o Ponto de Vista de Vygotsky	18
3.2	O CONCEITO DE BRINCAR	19
3.2.1	Afetividade e Aprendizagem	23
3.2.2	O Agir do Professor	26
3.3	O DEVER DA FAMÍLIA E A FUNÇÃO DA ESCOLA	29
3.3.1	Principais Dificuldades de Aprendizagem Devido a Carência Afetiva	33
3.3.2	Conceito das Dificuldades de Aprendizagem na Escola	36
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

Toda criança aprende brincando e precisa brincar, toda criança desenvolve cognitivamente e apreende signos e significados, mas qual seriam os problemas ou empecilhos criados para suas dificuldades ou problemas de aprendizagem? Ser criança é estar ativo, é fazer parte de diversos contextos ao mesmo tempo, e muitos desses fazendo parte de sua imaginação e faz de conta. A pesquisa acontecerá por meio de pesquisas bibliográficas e comparações de algumas teorias envolvendo a importância da afetividade e quais problemas essa carência pode acarretar no desenvolvimento da aprendizagem.

Nesta pesquisa, será enfatizado a importância da brincadeira, as mudanças ocorridas nos conceitos estabelecidos para o termo brincar, bem como enfatizar que o faz- de – conta é de extrema importância para o desenvolvimento da criança e por fim analisar o ato da brincadeira, principalmente para a educação infantil, como método pedagógico, ou seja, com objetivos estabelecidos pelos professores, para atingir algum conhecimento específico ou simplesmente para conhecer a seus alunos.

Para uma criança em processo de aprendizagem, ao brincar ela irá expressar o maior problema social que envolve a dificuldade em aprender, a falta de afetividade, a baixa estima, os casos de crianças depressivas são cada vez maiores.

Para que a criança se desenvolva em todos os aspectos ela precisa ser ativa e interativa, construir seus próprios conceitos e estabelecer suas próprias relações, seja nas suas ações o brincar ou no relacionamento com as pessoas, estas que acabam esquecendo que a criança também tem sentimentos e emoções, a esse fator se dá o nome de cognição social.

Portanto a criança deve ser analisada, avaliada sob aspectos afetivos, motores e cognitivos, pois essas dimensões se integram. O desenvolvimento cognitivo foca nos processos das informações, nos recursos conceituais, nas habilidades para a aprendizagem, em outras palavras é o processo do surgimento da capacidade de compreender, esse campo de estudo da neurociência é de suma importância para o conhecimento teórico dos profissionais da educação, principalmente.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Pensar como uma criança aprende não é tarefa fácil, deve ter envolvimento, conhecer o histórico familiar, teorias cognitivas, fatores genéticos dentre outros fatores que influenciam nesse processo de desenvolvimento cognitivo. Os dados e citações pesquisados a seguir confirmam a diversidade cultural, social em que as escolas deveriam trabalhar, não tratando as crianças de forma homogênea, respeitando os limites, possibilidade e avanços de cada uma independente da faixa etária ou nível escolar em que se encontra.

A metodologia necessária para realizar esta pesquisa baseou-se em referências bibliográficas exploratória buscando embasamento em livros, artigos publicados na internet e em informações virtuais, analisando as informações colhidas para chegar às conclusões.

A cognição social abrange mais do que a percepção das pessoas, ela estabelece perspectivas nos fatores pessoais e sociais, iniciou nos anos de 1970, Devido a esses primórdios da conexão emocional é que se sabe das causas dos comportamentos, das empatias de amizades, dos mecanismos de defesa pessoal, dos medos e demais emoções. Desta forma como as crianças aprendem a reconhecer e atribuir significados a seus próprios sentimentos? E identificar quais as intenções, de aceitar as expressões sociais do outro?

Os autores mais utilizados nesta pesquisa que será uma revisão teórica, de maneira descritiva e explicativa para analisar a construção do conhecimento, os fatores envolvidos, serão a afetividade e ludicidade, tendo como referencial Vygotsky, Wallon, Weiss e Kishimoto, cada com qual terá sua teoria fortemente argumentada sob a outra, ou seja, complementando-se no que tange a necessidade de um fator influenciando ao outro.

Baseando-se na escola da Psicologia Social, que tem como definição o aprendiz sendo como um agente centralizador, pode-se basear os conceitos, e os métodos dialéticos, pois esses permitem visualizar o conhecimento como uma espiral, ou seja, relacionando-se com todas as áreas de envolvimento onde a criança está inserida.

3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

3.1 TEORIAS QUE INFLUENCIAM O DESENVOLVIMENT COGNITIVO

Desde o nascimento, a criança está em processo contínuo de construção de desenvolvimento cognitivo, onde ela vai realizando as várias relações entre objetos, sensações, ambientes, cheiros, imagens, ou seja, todo o sensorio motor e afetivo.

A interação social com o meio irá construir o processo da inteligência, porém para que esse processo aconteça de forma espontânea é necessário observar os níveis de desenvolvimento de cada criança juntamente com a sua faixa etária. Pensando em como a criança desenvolverá o conhecimento é que se parte da teoria do construtivismo juntamente em consequência das fases que se encontra a criança, ou seja, a mesma só irá aprender e desenvolver de acordo com sua idade.

A forma de conceber o conhecimento por meio das interações sociais seria por meio do desenvolvimento da gênese, bem como construir uma nova visão de mundo e suas relações nos diversos contextos, relacionando-se com as fases que Piaget propõe claro que não devemos fixar padrões estabelecidos prontos e acabados, pois nenhuma criança é igual a outra, por isso estamos relacionando o processo de construção individual e do contexto social que está inserida.

A aprendizagem desta forma pode ser concebida como o resultado do desenvolvimento cognitivo, ou seja, a aquisição de novos conhecimentos assimilados. Portando para realmente apreender a criança precisa reflexão, criar e participar das informações que recebe dos mediadores. O conhecer no abstrato para a criança seria a reorganização das novas representações entre os signos e significados que internalizou.

São nas representações simbólicas, criatividade, desenvolvimento motor, experiências, é onde a criança terá um desenvolvimento completo em todas as funções psíquicas. A ação de brincar desenvolve na criança o prazer em aprender, a empatia pelo adulto que conduz, desta forma o professor que brinca com seus alunos, terá um êxito maior para trabalhar algum conceito mais abstrato por meio da brincadeira, porém este objetivo já deve estar pré-estabelecido no planejamento da aula. Acontecendo assim, o entrelace das teorias do construtivismo e a necessidade do brincar.

A cada instante da brincadeira a criança vai estruturando novos processos para seu desenvolvimento, no que ela é capaz de fazer e onde gostaria de chegar, por exemplo ações que desenvolve aos seis meses são diferentes aos seis anos, isso porque conseguiu relacionar conhecimentos dos diversos contextos que está inserida. Portanto, ao longo dos estágios de sua aprendizagem, ela vai construindo diferentes habilidades, de acordo com os ambientes inseridos em seu cotidiano.

E no ato de brincar que a criança consegue transmitir sua identidade psicológica, pois muitas vezes a real idade não é compatível com os interesses internos e anseios nas brincadeiras, o comportamento no momento do faz de conta irá desenvolver as habilidades intrínsecas dessa criança e acaba por surpreender e superar a idade e nível cronológico, despertando uma aprendizagem no campo de desenvolvimento proximal.

Principalmente nos seis primeiros de vida, se tem a estrutura e evolução das brincadeiras, a partir dessas experiências que a criança se tornará ativa, participando das tomadas de decisões nas regras dos jogos, tendo vivências de autonomia, criatividade, responsabilidades, sabendo respeitar e entender suas próprias ações com suas consequências, enfim atuando inclusive no desenvolvimento de sua personalidade.

Uma escola denominada pejorativamente, como tradicional, em que as crianças ouvem repetidas vezes que brincar é só no pátio, na hora do recreio e talvez por isso, esse verbo não aparece no plano de trabalho do professor.

Nessa perspectiva é que devemos mudar esse pensamento, o cotidiano da sala de aula deve buscar formas de tornar o ensino mais coeso e significativo, podendo aliar o prazer e o divertimento às aprendizagens. Como nos diz Winnicott (1994) "o brincar equivale a uma terapia". O brincar é sempre uma experiência essencial para a vida, criativa e real para a criança que brinca, podendo até tornar-se assustadora para ela, inclusive porque mobiliza seus conteúdos inconscientes. Temos no brincar uma forma de comunicação por meio da qual apresentamos as ideias que ocupam nossa vida e um caminho para a resolução de nossos problemas.

Várias foram as modificações em conceitos de família nas últimas décadas, e a educação teve que se adaptar a essas denominações e formações familiares. Porém as funções necessárias para o desenvolvimento, para a formação básica das crianças deveriam continuar as mesmas. Diante desta realidade, as relações familiares estão se evadindo dessas responsabilidades educacionais e básicas.

Nas concepções cognitivas mais relevantes se considera o homem ativo e não passivo, enfatizando os processos de aprendizagem nos momentos das interações sociais, pois ele, reorganiza os pensamentos atribuindo novos significados aos conceitos pré-estabelecidos. Sendo assim, apresenta-se a sequência:

INDIVÍDUO → INFORMAÇÃO → CODIFICAÇÃO → RECODIFICAÇÃO →
PROCESSAMENTO → APRENDIZAGEM

3.1.1 Contribuições Sob o Ponto de Vista de Piaget

Piaget, postula o aprender nas relações que as crianças estabelecem nas fases da vida e o progresso alcançado após essas interações, mesmo sem um intuito definido, sempre irão aprender algo, sendo nesse processo que tornarão ativas (PIAGET, 1999, p. 41):

[...] cooperar, porque não confundem mais seu próprio ponto de vista com o dos outros, dissociando-os mesmo para coordená-los. Isso é visível na linguagem entre crianças. As discussões tornam-se possíveis, porque comportam compreensões a respeito do ponto de vista do adversário e procura de justificação ou provas para a afirmação própria.

Os comportamentos serão modificados e as mudanças relacionadas a atitudes sociais claramente definidos, é no contexto escolar por meio de diversos recursos, como aceitar regras nos jogos, entender as suas emoções as causas e consequências de algum ato considerado errado, que as crianças manifestarão o discernimento de agir e do pensar.

O desenvolvimento cognitivo compreendido como o processo de estabelecer novas habilidades, novos conhecimentos, de estabelecer relações com os diversos contextos onde a criança está inserida, teria na escola o principal ambiente para que todas essas relações acontecessem, pois ali a criança poderá expressar toda a forma de problemas e dificuldades por meio das brincadeiras.

Na fase escolar do processo de aprendizagem, diferentemente em cada faixa etária, é que as crianças e adolescentes estabelecem o seu desenvolvimento psíquico e social, (PIAGET, 1999, p. 40):

Em cada um dos complexos da vida psíquica, quer se trate da inteligência ou da vida afetiva, das relações sociais ou da atividade propriamente individual, observa-se o aparecimento de formas de organização novas, que complementam as construções esboçadas no decorrer do período precedente, assegurando-lhes um equilíbrio mais estável e que também inaugure uma série de interrupta de novas construções.

A criança constrói diferentes esquemas, e esses formarão as estruturas cognitivas, sendo essas, o equilíbrio necessário para o desenvolvimento da linguagem, possibilitando novas interações, novas informações, fazendo as distinções entre as concepções já elaboradas, ou seja, o que já foi aprendido irá sofrer um desequilíbrio para mais tarde se acomodar novamente em sua estrutura mental. Esta referência faz alusão ao que Piaget denominou assimilação e acomodação, para daí sim acontecer a equilíbrio.

O desenvolvimento é caracterizado por um processo de sucessivas equilíbrios. O desenvolvimento psíquico começa quando nascemos e segue até a maturidade, sendo comparável ao crescimento orgânico; como este, orienta-se, essencialmente, para o equilíbrio. (PIAGET, 1974, P.13)

Equilíbrio representa para Piaget todo o fundamento do processo do desenvolvimento humano, mas que sofre variações de acordo com os contextos que o sujeito está inserido, ou seja, toda criança irá desenvolver o seu cognitivo, porém seguindo suas especificidades biológicas, físicas, culturais e sociais, esse aprendizado pode ser mais dinâmico e específico. Seguindo essas teorias, Piaget considera elementos importantes dois fatores, os invariantes e os variantes.

Para a teoria invariante, Piaget afirma que todas as pessoas ao nascer recebem heranças biológicas, sensoriais e neurológicas e essas permanecem constantes ao longo da vida, essas estruturas biológicas definirão as estruturas mentais, ou seja, a tendência de seguir certos comportamentos sendo inerente ao homem. Já a segunda variante, se refere aos fatores variantes que representam os esquemas estruturais, ou seja, as transformações que ocorrem em seu cognitivo, social, cultural, devido os processos envolvidos entre homem e meio ambiente, e as mudanças necessárias para a adaptação ao meio real que está inserido, deixando

claro que a inteligência não é herdada e sim construída e modulada conforme os interesses e necessidades humanas. Piaget seguindo esta perspectiva esclarece:

Levando em conta, então, esta interação fundamental entre fatores internos e externos, toda conduta é uma assimilação do dado a esquemas anteriores (assimilação a esquemas hereditários em graus diversos de profundidade) e toda conduta é, ao mesmo tempo, acomodação destes esquemas a situação atual. Daí resulta que a teoria do desenvolvimento apela, necessariamente, para a noção de equilíbrio entre os fatores internos e externos ou, mais em geral, entre a assimilação e a acomodação (PIAGET, 2011, p.89).

O homem possui desta forma uma estrutura biológica, e esta possibilita o seu desenvolvimento mental que somente acontecerá devido as interações do sujeito com novos objetos de conhecimento, novas estruturas que possibilitem reorganização do pensamento, Piaget considera o processo interno dessa construção e relações entre assimilação, acomodação e equilíbrio.

Os fatores novos de conhecimento complexos, é que irão desenvolver novas estruturas para a maturação do organismo, e essas novas experiências servirão para a adaptação com o meio. Em busca por essas adaptações é que os fatores como assimilação e acomodação são indissociáveis.

Observa-se que a assimilação consiste em resolver uma situação cognitiva presente na sua realidade e retirando dessa as informações que lhe interessam, excluindo outras não importantes para aquele momento, ou seja, uma organização dos esquemas estruturais para estabelecer a equilíbrio.

A acomodação, outro fator para o processo da aprendizagem, representa a capacidade de modificar o que foi assimilado, seria a ação sobre o conhecido, em síntese, a experiência tida assimilada irá se transformar nos esquemas provocando a acomodação, desta forma gerando o equilíbrio cognitivo.

Os esquemas ampliam nas crianças conforme as situações de interações sociais que acontecem, possibilitam desta forma novos objetos de conhecimento e novos esquemas se formarão sobre outros adquiridos.

Desta forma, a criança estará desenvolvendo cognitivamente e estabelecendo relações com os diferentes contextos, realizando por fim a equilíbrio e iniciando o novo processo de assimilação para um novo conhecimento, portanto fazendo com que a aprendizagem se confirme em formato espiral , ou seja, indo e voltando nos conhecimentos que já se consolidaram.

3.1.2 Contribuições Sob o Ponto de Vista de Vygotsky

Vygotsky foi o marco da perspectiva sócio- interacionista, adotou como referência o materialismo dialético, assim o diálogo e as interações com o meio como principal princípio de construções cognitivas. A corrente de pesquisa de Vygotsky se opõe ao pensamento mecanicista e idealista, esses consideravam os processos psíquicos investigados isoladamente, mas ele tinha que o desenvolvimento deveria ser estruturado socialmente, ou seja, possibilitando reconstruir as mudanças ocorridas durante o processo de aprendizagem, tendo assim o experimento do desenvolvimento.

Como afirma Vygotsky "o comportamento do homem é formado por peculiaridades e condições biológicas e sociais do seu crescimento" (2001, p.63)

Além da importância do desenvolvimento social, a perspectiva vygotskyana considera as mudanças cognitivas com o conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP), que seria a relação inseparável de construção e reconstrução dinâmica de todo o processo. Ou seja, aquilo que uma criança precisa de auxílio para realizar hoje, amanhã ela terá condições de realizar sozinha, e seria nesse intervalo de tempo que o professor atuaria como mediador do conhecimento, encaminhando na melhor forma possível para a melhor resolução do problema. Desta maneira a criança vai construindo o seu conhecimento conforme seu desenvolvimento psicológico e biológico. Para Vygotski (1998, p.61)

A história do desenvolvimento das funções psicológicas superiores seria impossível sem um estudo de sua pré história, de suas raízes biológicas, e de seu arranjo orgânico. As raízes do desenvolvimento de duas formas fundamentais, culturais, de comportamento, surge durante a infância: o uso de instrumentos e a fala humana. Isso, por si só coloca a infância no centro da pré-história e do desenvolvimento cultural.

Portanto, não se deve pensar no conhecimento e na aprendizagem, centralizando somente no aspecto cognitivo e nas suas deficiências e especificidades, muitos são os problemas que uma criança pode apresentar para não conseguir aprender e se faz necessário analisar e repensar em todos os contextos que ela convive.

O contexto social e econômico, principalmente, são os eixos onde encontramos os maiores problemas, uma vez que essa criança não possui o que

comer, ou vestir, automaticamente, como poderá fazer relações cognitivas? Ou estabelecer ligações de conhecimentos, se a seu único pensamento durante a aula por exemplo, seria o horário do lanche. Muitas famílias infelizmente em nosso Brasil têm essa realidade, ou talvez em condições mais precárias de itens básicos para sobrevivência.

3.2 O CONCEITO DE BRINCAR

O brincar se resume em uma forma de comunicação, por meio deste ato que as crianças desenvolvem habilidades criativas, sociais, intelectuais e físicas. São atividades como o faz de conta que imitam situações do dia a dia, atividades lúdicas, jogos e diversas outras brincadeiras que se tornam obrigatórias para a prática educativa.

O lúdico sendo valorizado nos processos de ensino, permite às crianças o sonhar, fantasiar, realizar desejos e simplesmente viver na espontaneidade. Como diz o ditado “a criança que brinca é mais feliz”, pois fica realizada, alegre, comunicativa, se tornando um ser humano mais cooperativo e sociável.

Nesse sentido, qual a importância do brincar para a aquisição da aprendizagem? Quais são os objetivos de trabalhar com o lúdico dentro da sala de aula, principalmente na Educação Infantil? O Referencial Curricular Nacional para a Educação nos informa que:

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia da criança, desde muito cedo, pode se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde ter determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação... A fantasia e a imaginação são elementos fundamentais para que a criança aprenda mais sobre a relação entre pessoas.(RCNEI, 1998,v.1,p.26)

Para entender a Educação infantil e a sua importância para todo o desenvolvimento posterior se faz necessário conhecer as concepções históricas que o processo infantil passou. A posição que a criança ocupa na sociedade mudou de acordo com o processo social, como aponta Áries, (1986, p. 14): “A aparição da criança como categoria social se dá lentamente entre os séculos XIII e XVII”.

Somente no século XVI que surge nova visão sobre a família e a criação de instituições educativas, essas possibilitaram novas condições de vida, levantando discussões sobre a forma de educar e novos conceitos de infância.

A partir das mudanças ocorridas na Europa, é que historicamente se teve a necessidade por pré-escolas, devido as transformações sociais e econômicas, pois as atividades escolares deveriam seguir modelos educacionais cujo objetivo era respeitar a infância.

Até meados do século XIX a responsabilidade em educar estava concentrada em grupos onde a criança estivesse inserida, cabendo-lhes suprir a carência afetiva, problemas sócias, psicológicos e inclusive conhecimentos pedagógicos. Após a educação brasileira promulgar o Estatuto da Criança e do Adolescente nos anos 90, é que surgiu o reconhecimento do ensino da educação infantil, na Lei de Diretrizes e Bases (9394/96) e na elaboração dos Referências Curriculares.

O principal desafio da Educação Infantil ainda está concentrado em oferecer um ensino voltado para a cidadania com propostas pedagógicas que desenvolvam concretamente a aprendizagem das crianças, e não somente oferecer o assistencialismo de produtos capitais. Pois apesar dos avanços, muitos conceitos de infância e escola estão retorcidos pela sociedade. E muitas práticas pedagógicas precisam ser revistas.

O conceito mais confuso está no brincar, onde discursos avulsos, inclusive em meio escolar e de gestores educacionais deixam a desejar a finalidade desses atos, tais como a brincadeira desenvolve o cognitivo na criança e o significado de ir para a escola somente para brincar. (KISHIMOTO 2000,p.110) defende que a brincadeira e o jogo interferem diretamente no desenvolvimento da imaginação, da representação simbólica, da cognição, dos sentimentos, do prazer, das relações, da convivência, da criatividade, do movimento e da autoimagem dos indivíduos, complementa afirmando que nesta linha de pensamento é brincando que a criança aprende a socializar-se com as outras, desenvolve a motricidade, a mente, a criatividade.

É brincando que a criança organiza o seu mundo, pelo contato com materiais concretos, pedagógicos que se estimula a conversa, a negociação, a formulação de regras e contatos de novos conceitos. Por meio do brincar ela irá atribuir sentido aos fatos externos que acontecem e assim se apropria dos conhecimentos. O brincar é a mudança de todos os sentidos reais para o mundo da criança, ela terá na

brincadeira a sua própria realidade e com suas regras específicas para cada circunstância.

A brincadeira irá construir e solucionar os problemas das próprias situações que ela mesma criou, no brincar, com o uso de brinquedos a criança expressa o que tem de dificuldade sem se sentir exposta a repressões, impostas por adultos. Seguindo essa perspectiva o brinquedo possibilitará o desenvolvimento da personalidade e do caráter.

O real objetivo em brincar está no pleno desenvolvimento da criança, durante a brincadeira ela consegue representar o seu contexto, no faz de conta irá refletir suas grandes dificuldades, sejam elas cognitivas, sociais, culturais, emocionais, porque no momento da brincadeira a criança se deixa levar pelo mundo que construiu, não planeja suas atitudes e ações, simplesmente brinca e expõe o seu interior. Por isso o grande desafio dos profissionais da educação em observar quando seus alunos estão brincando, somente assim poderão entender talvez, porque àquela criança específica está apresentando dificuldades na aprendizagem.

No ato de brincar a criança consegue transfigurar as suas emoções para os objetos, realizando a personificação dos mesmos, por exemplo, se ela possui conflitos com a mãe, irá ter diálogos com uma panela e expor o seu posicionamento para os momentos que vivenciou e assim automaticamente em qualquer brincadeira ou jogo, sempre o lado emocional terá influências nas suas ações.

A criança ao brincar poderá transformar qualquer objeto para atender a seus desejos, ela constrói seus brinquedos seguindo a sua imaginação e necessidade para o momento, trazendo ou não para a realidade, imitando ou não os adultos que convive. Assim uma vassoura pode se tornar um cavalo, uma tampinha de garrafa uma roda de carro. Para Benjamim (2002, p.84), portanto,

As situações vivenciadas através das brincadeiras e dos jogos possibilitam o desenvolvimento da sociabilidade, da linguagem, da coordenação motora, da noção espacial e corporal. Podemos dizer que a criança quando brinca, também treina para um melhor convívio social, pois aprende a cumprir regras, trabalhar em grupo, conhecer e desafiar os seus próprios limites, assim aprende a fazer e constrói seu universo de possibilidades.

Considerando o “mundinho” que a criança constrói somando ao mundo que terá que enfrentar, na brincadeira ela encontrará subsídios para melhor desenvolver

seu conhecimento bem como sua personalidade. Pois brincando a mesma irá relacionar ideias, estabelecer comparações e daí sim vivenciar a realidade.

A brincadeira está presente na vida da criança , a partir seu nascimento ,é a forma com que cada uma utiliza para compreender e interagir consigo, com os outros e com o mundo, e não acontece por acaso, todo brincar tem início a partir de uma vontade, de uma imaginação e de uma intencionalidade. Nos primeiros meses de vida a criança começa a brincar sozinha, com brinquedos ou com as pessoas que a cercam.

Com isso é de extrema importância que o uso da brincadeira e de brinquedos esteja presente desde os primeiros anos de escolarização da criança, ou seja, que esteja presente também nos parâmetros da educação infantil. É por meio das brincadeiras que os alunos conseguem expressar-se e desenvolver-se.

O ato de brincar é uma forma de comunicação em que a criança reproduz seu cotidiano, usando de fantasia e imaginação desta forma permite o processo de aprendizagem da criança, pois desta forma facilita a construção da reflexão, autonomia e criatividade, estabelecendo, desta maneira, uma relação estreita entre a brincadeira e aprendizagem (FANTACHOLI, 2011 p. 2).

As crianças enquanto brincam ou praticam jogos infantis, exercem atividades desenvolvidas por adultos e seus comportamentos se assemelham, por exemplo, em uma determinada brincadeira existe uma hierarquia que deve ser respeitada por todos, eles próprios definem como isso será feito, nesse momento estão desenvolvendo a liderança, ou seja, criam suas próprias regras. Assim, como educadores devemos fazer e participar desse "mundo de faz de conta e nesse mundo poderemos identificar as principais dificuldades dessas crianças, intervir utilizando a brincadeira e os jogos como métodos de ensino.

O lúdico tem características que facilitam o trabalho pedagógico, pois utilizando desses recursos a educação e a aprendizagem da criança se tornará prazerosa, o educador poderá analisar cada criança e suas dificuldades e sem submete-las a avaliações, pois muitas dessas quando não conseguem realizar alguma atividade proposta já se posicionam com vítimas ou afeta seu emocional.

Para compreender o lúdico e seu significado se deve ir além do jogo, atividades lúdicas são todas que possibilitam diversas outras coisas, uma delas é o desenvolvimento, como diz Marinho (2007), "as crianças têm vontade de resolver os

problemas que lhe são apresentados, portanto passam a buscar alcançar seus objetivos através do uso das brincadeiras e jogos”.

Porém, cabe a todos os profissionais envolvidos na aprendizagem que esses momentos lúdicos aconteçam, buscando direcionar as brincadeiras e o brincar, tendo claro os seus objetivos ao propor um jogo, ou o ato de brincar.

Kishimoto (2010, p. 122) afirma que:

A baixa qualidade da educação infantil pode estar relacionada com a oposição que alguns estabelecem entre o brincar livre e o dirigido, ou seja, o ato de brincar deve ser planejado. A criança em sua subjetividade aproveita a liberdade que tem para escolher um brinquedo para brincar e a mediação do adulto ou de outra criança, para aprender novas brincadeiras.

Com base no pensamento de Kishimoto, se percebe a necessidade e a importância de saber distinguir o brincar livre do brincar dirigido e intencional pedagógico, pois quando um educador cria intencionalmente uma atividade lúdica buscando a aprendizagem, ele cria um ambiente para o desenvolvimento e diagnose dos alunos, porém lembrando que o lúdico não deve ser reduzir a brincadeiras e jogos, mas toda atividade que desenvolva prazer e liberdade nas crianças em realizar, onde elas possam expressar seus sentimentos, percepções de mundo e representações da vida.

Portanto, é extremamente necessário que as escolas incorporem o uso de brincadeiras, jogos e brinquedos no mundo educacional, aprendendo e desenvolvendo mediações para atingir o desenvolvimento máximo e significativo na vida das crianças, pois como ela aprende brincando, quanto antes for inserida no mundo da brincadeira, antes ela estará entrando em um processo maior de desenvolvimento.

3.2.1 Afetividade e Aprendizagem

A aprendizagem é um processo articulado e em conjunto com o social, afetivo e familiar. Pois todos esses meios possuem a função de ensinar, não somente saberes científicos, que este seria exclusivamente obrigação escolar, mas quando a criança se encontra no processo escolar, ela adquire e assimila diversos conceitos, quando ela está em condições psicológicas em apreender.

Assim, a preocupação em estudar os contextos que estão inseridas, pois devido essas experiências vivenciadas pelo educando é que se constrói seu processo educacional cognitivo, afetivo, orgânico e social.

Segundo Wallon, (1986, p.47) “ a confrontação com os companheiros permite-lhe constatar que é uma entre outras crianças e que, ao mesmo tempo, é igual e diferente delas”, esse é um questionamento que esse pesquisador propõe em estudos as influências familiares, sociais, orientando as crianças e principalmente aos envolvidos no processo de aprendizagem, que todas as crianças são diferentes e o que determina a capacidade nem sempre é somente as avaliações escolares.

Muito além de estruturas cognitivas, para a aprender a criança precisa querer aprender, estar motivada, envolvida, e tudo isso demanda da afetividade. Palavra essa que está sendo esquecida lamentavelmente por muitos educadores e principalmente por muitas famílias. Mas o que afetividade e como se manifesta?

Para Camargo (2004, p.30) “o mundo dos afetos é um mundo real que interage de forma contínua e forte sobre a vida dos indivíduos, sejam eles alunos ou professores. Ignorar este mundo é ignorar-se a si mesmo como ser integral”.

Assim é na escola principalmente que irão aprender expor, construir e reconstruir seus sentimentos, muitas vezes relatando fatos sociais vivenciados importantes que estão interferindo na sua aprendizagem. Cabendo ao professor saber identificar essas emoções.

Durante muito tempo, houve um duelo entre a emoção e a cognição, Jean Piaget (1896-1980) foi um dos primeiros estudiosos que questionou a dicotomia entre afetividade e cognição ao defender que apesar de estarem em natureza diferentes ao mesmo tempo eram inseparáveis. No ano de 1945 ele afirmou que a afetividade e a cognição estavam interligadas pela mesma psicologia, ou seja, para o desenvolvimento cognitivo acontecer ele precisa passar pelas estruturas nervosas centrais da emoção, a afetividade irá agir como estímulo, perturbação, aceleração ou retardar a aprendizagem.

Estudos comprovam que existem transtornos como depressão, fobias, somatizações e ansiedades, decorrente a carência da afetividade ou como não saber lidar com ela. Desta forma podemos definir a afetividade nos desenvolvimentos de processos físicos, mentais, cognitivos e sociais. “Vygotsky concebe o homem como um ser que pensa, raciocina, deduz e abstrai, bem como sente, se emociona, deseja, imagina e se sensibiliza”.

A afetividade então, está presente em todos os momentos de nossas ações, são nos espaços e interações que temos as relações de bem-estar ou mal-estar, por isso da importância de ter a empatia pelo professor, da necessidade que a escola seja um ambiente onde a criança se sinta abraçada.

Afetividade é um termo utilizado para designar e resumir não só os afetos em sua acepção mais estrita, mas também os sentimentos ligeiros ou matizes de sentimentais de agrado ou desagradado, enquanto o afeto é definido como qualquer espécie de sentimento e (ou) emoção associada a ideias ou a complexos de ideias (CABRAL e NICK, 1999, p.118)

A criança inserida em um grupo constrói seu conhecimento com a ajuda dos adultos, desta forma considera a aprendizagem a partir de um intenso processo das interações sociais, acumulando cultura, novas experiências, e isso tudo terá um ressignificado no que já foi internalizado.

A dimensão afetiva constitui uma esfera funcional para a aprendizagem tão importante quanto o desenvolvimento cognitivo estruturado por meros conteúdos programados nas escolas.

A afetividade e a inteligência constituem inseparáveis para a evolução psíquica, pois permitem à criança conseguir níveis para evoluções superiores, para Wallon (1989) a afetividade não é apenas uma das dimensões da pessoa, mas faz parte do desenvolvimento e que da afetividade se originou a vida racional, devido a necessidade de saber relacionar e sincreticamente misturar o afeto ao cognitivo.

Desde o nascimento a criança está em processo de desenvolvimento cognitivo, pesquisas já comprovaram que o bebê desde o ventre materno consegue estabelecer relações com o exterior por meio dos sons, ao nascer essas relações continuam em processo de desenvolvimento, quando ela consegue sentir o cheiro da mão, ficar mais tranquila em algum lugar conhecido, ouvir a voz dos pais, dentre outras. Essas relações seriam as ligações estruturais neurais fazendo as intermediações para a aprendizagem.

A autora Ferreira, (2001, p.70), sugere três âmbitos que devem ser trabalhados no contexto pedagógico, para auxiliar o trabalho educacional:

No âmbito emocional – identificar os sentimentos, expressar os sentimentos, avaliar sua intensidade, adiar a satisfação, controlar os impulsos, reduzir a tensão. - no âmbito cognitivo – saber a diferença entre sentimento e ação, ler e interpretar indícios sociais, compreender a perspectiva dos outros, usar etapas para resolver

problemas, criar expectativas realistas sobre si, compreender normas de comportamento. - no âmbito comportamental – comportamentos não verbais: comunicar-se com os olhos, com gestos, com expressão facial; comportamentos verbais: fazer pedidos claros, resistir a influências negativas, ouvir os outros, responder eficientemente a críticas.

Analisando toda a pesquisa até o momento, se compreende a necessidade da atuação do professor para a aprendizagem e este tendo uma metodologia lúdica, respeitando o tempo para a aprendizagem, a assimilação de cada criança e a mediação para que cada aluno desenvolva de forma automática, construa em seu cognitivo os conteúdos significativos.

3.2.2 O Agir do Professor

Infelizmente, escolas e professores optam em transferir a responsabilidade, e atribuir as dificuldades de aprendizagem para fatores patológicos, em alguns casos com diagnósticos equivocados, desta forma isentando a escola e os profissionais de qualquer culpa. Todavia, também existem os casos, em que a escola se torna a única referência de apoio às famílias, orientando e realizando os encaminhamentos necessário a profissionais específicos que auxiliaram os alunos para desenvolver a aprendizagem, como fonoaudiólogo, psicólogos, neurologistas, assistência social dentre outros atendimentos.

Na gestão escolar é imprescindível no auxílio desses profissionais especializados para mediar o trabalho do professor, evitando os equívocos de pré diagnose, pois em algumas situações em que o aluno apresenta comportamentos como: ser disperso, agitado, tímido, provocativo entre outras, se torna complexo perceber se além desses comportamentos existe realmente uma dificuldade de aprendizagem ou doença patológica mais grave.

A pergunta norteadora seria: Como desenvolver atividades significativas para alunos com dificuldade de aprendizagem? Como compreender que a dificuldade diagnosticada pode vir acompanhada da falta de afetividade? Ou somente a carência afetiva pode trazer dificuldade de aprendizagem?

O papel da escola segundo os fundamentos pedagógicos seria transmitir o conhecimento científico, fazendo com que os alunos se tornem adultos críticos, sabendo interpretar e contextualizar a realidade que vivem, no entanto para que

esse discurso se concretize, professores, gestores, a família, ou seja, todos os envolvidos nesse processo tenham a pertinência de conhecer essa criança e saber do que ela precisa no momento atual, nesta fase da vida, o que está fazendo falta para ela? Daí sim a aprendizagem será significativa, se esse aluno, filho, conseguir expressar os seus sentimentos, seus argumentos e estabelecer as próprias relações sociais.

Ser pertinente, é saber identificar as dificuldades, é conversar, é olhar para cada criança como única, não aceitando a homogeneidade ou simplesmente diagnosticar doenças que podem ser curadas com um simples abraço. Desta forma a escola deverá abranger e atender ao aluno com dificuldade, de maneira adequada e especializada, assim observar o progresso de cada um e não somente o esperado para cada faixa etária no final de um ano letivo.

O resultado desejado pelos professores será diferente em cada ano e para cada aluno, basta ele conhecer seus alunos e identificar o avanço de cada um. Para a aprendizagem desde os anos iniciais se estabelece a relação professor- aluno, esse vínculo é centrado em dois conceitos, o de ensinar e do aprender, e nessa dinâmica que muitas vezes os diversos afetos se manifestam, porém são colocados em segundo plano, pois o aprender a ler, escrever, resolver problemas matemáticos, contas, é que são considerados saberes escolares, porém se a criança não estabelece o vínculo afetivo com o professor com certeza terá mais uma barreira em aprender esses conceitos.

O vínculo afetivo fará com que esse aluno mesmo com grandes dificuldades, barreiras, sociais, econômicas que envolvem sua família, queiram estar na escola e conversar com esse professor, pois ali essa criança poderá encontrar um motivo para sonhar e buscar um futuro melhor, apesar de muitas vezes desejar sair correndo, devido às suas limitações de aprendizagem cognitiva. Os professores têm uma grande responsabilidade perante essas crianças, talvez ele seja o único referencial de afeto e atenção, sentimentos meros sentimentos, mas que podem salvar as emoções e evitar futuros problemas sociais maiores.

Ao ignorar a afetividade o professor negará a possibilidade de estabelecer vínculos sociais, e ser afeto não significa somente abraçar, ou demonstrar carinho superficial, Almeida e Mahoney relatam (2004, p.198):

À medida que se desenvolvem cognitivamente, as necessidades afetivas da criança tornam-se mais exigentes. Por conseguinte, passar afeto inclui não apenas beijar, abraçar, mas também conhecer, ouvir, conversar, admirar a criança. Conforme a idade da criança, faz-se mister ultrapassar os limites do afeto epidérmico, exercendo uma ação mais cognitiva no nível, por exemplo, da linguagem.

Antunes reafirma que para a aprendizagem de fato ocorrer, as relações afetivas devem estar interligadas com o trabalho pedagógico, pois o aluno precisa estar envolvido com o professor, com a escola, com o ambiente, para se sentir motivado.

A motivação existente entre professor e aluno fará com que essa criança desenvolva a empatia pessoal, consiga desenvolver melhor a autonomia e desta forma evita a evasão escolar.

Os laços entre alunos e professores se estreitam e, na imensa proximidade desse imprescindível afeto, tornou-se importante descobrir ações, estratégias, procedimentos sistêmicos e reflexões integradoras que estabeleçam vínculos fortes entre o aluno, o professor e o aprendizado (ANTUNES, 2007, p.12).

Quando em casa ainda, a criança reflete os vínculos pais, irmãos, mas no decorrer do desenvolvimento escolar ela tem a necessidade de transmitir essa relação no ambiente que passa a maior parte de sua infância, devido a este fator o relacionamento mais próximo entre professor e aluno precisa acontecer, não necessariamente que seja no termo intimista, mas o básico seria o professor conhecer seus alunos e entender o seu contexto para poder desenvolver seus planos de aula sem levantar hipóteses de homogeneidade.

Fernandez (1991, p. 47-52) finaliza:

Para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. (...) Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar. Com isso, [fica esclarecido] que toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo. Pensando, especificamente, na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos, professores, psicopedagogos, conteúdo escolar, livros, escrita, [não] acontece puramente no campo cognitivo. Existe uma base afetiva permeando essas relações.

Portanto, é evidente a importância da dimensão afetiva no trabalho pedagógico, pois partindo da ampliação dos complexos processos da emoção e

suas relações com o meio externo, é que a criança constituirá seu cognitivo em todos os aspectos, não considerando apenas o racional.

A atuação do professor requer saberes conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade, indagação teórica e criatividade para saber identificar as diversas situações presentes nos contextos escolares, por isso da necessidade de sempre se aperfeiçoar para poder encarar todos esses conflitos.

O “ser” um professor afetuoso, teoricamente não significaria apenas abraçar, beijar, tocar na criança, demonstrar afeto, é participar da vida de seu aluno, é saber os inúmeros porquês de suas dificuldades, ou seja, simplesmente ouvir, conhecer, brigar quando necessário, é ter empatia.

A função do professor ultrapassa os limites da sala de aula, envolve uma relação que deixará marcas para toda a vida e se durante um ano que essa criança estará sob sua responsabilidade, o professor fazer desse ambiente um local acolhedor, com sentimentos, a aprendizagem seja ela em qualquer estrutura cognitiva acontecerá, ou seja, essa criança terá o pleno desenvolvimento de alguma habilidade, podendo ser inclusive, a habilidade social e de interação.

3.3 O DEVER DA FAMÍLIA E A FUNÇÃO DA ESCOLA

Quando se leem as regras e normas constitucionais, o núcleo familiar, deveria ser a principal referência, o principal exemplo de atitudes, que as crianças deveriam se espelhar, porém o que se acompanha nas escolas, é um grande número de pais e responsáveis negligentes, deixando faltar sobretudo o essencial para a sobrevivência. Mesmo depois das mudanças da constituição de 1988 as responsabilidades da família não se consolidaram, nenhuma medida de punição maior foi elaborada para realmente conscientizar essas pessoas que possuem o dever de educar, alimentar, cuidar e principalmente amar.

Art. 227: É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda a forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.p.1609)

A escola seria a instituição responsável em transmitir o conteúdo específico, científico, tendo como objetivo uma grade curricular anual, esses conhecimentos precisam ser sistematizados, consolidados em cada série, para seguir a diante. Por isso a importância de a escola ser um ambiente acolhedor e prazeroso ao aluno.

Já o termo escola, vêm do latim “schola” e significa descanso, era entendido como um momento de folga onde as pessoas poderiam conversar sobre diversos assuntos, com o passar do tempo se tornou o lugar onde se estuda algum assunto específico.

Piaget (2007, p.35) afirma que a educação é um direito social para atingir os melhores processos de formação e a escola o melhor caminho. Para o autor a educação constitui um dos importantes fatores para a formação moral e intelectual, cabendo a escola uma parte significativa de fracasso ou sucesso dos adultos, ele conclui (2007, p.50) “toda pessoa tem direito à educação, é evidente que os pais também possuem o direito de serem senão educados, ao menos, informados no tocante à melhor educação a ser proporcionada a seus filhos. ”

Convém alertar que todas as atividades escolares precisam da participação da família na escola e em muitos casos de extrema urgência, porém a escola deve lembrar e respeitar a disponibilidade dos mesmos. Ao solicitar por exemplo o envolvimento dos pais em ações escolares para arrecadar fundos, em festas, os mesmos podem se recusar sem causar nenhum problema maior, porém quando se trata de assuntos pedagógicos e envolvem a aprendizagem e bem-estar dos filhos, a família tem a obrigação de comparecer e auxiliar a escola encontrar possíveis soluções.

Muitas vezes a escola acaba tomando para si, mesmo que involuntariamente, ou obrigatoriamente a responsabilidade de educar e ensinar de maneira totalitária seus alunos sem a participação da família, pois socialmente a família não possui condições para essa função.

A instituição escolar segue os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que nem sempre consegue produzir todos os conhecimentos para o desenvolvimento pleno das crianças, pois acima deles, está o propósito do Estatuto da Criança e Adolescente que visa proteger e promover o bem estar, desta forma quando a família não assume a responsabilidade de cumprir as determinações da lei, onde consta que é dever da mesma em ofertar sustento, guarda e educação, a

escola, toma para si essa responsabilidade , por isso se tem nas escolas inúmeros atendimentos sociais.

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...] (PIAGET, 2007, p.50).

Assim, o papel da escola e da família na vida escolar dessas crianças possuem funções delimitadas de cuidar e educar, mas com papéis específicos que deveriam se completar, a escola deve promover ações educativas com o objetivo de acolher as famílias e inserir as mesmas nas atividades escolares, uma instituição depende da outra para um bom êxito do desenvolvimento cognitivo.

Diante de tantas propostas executadas pela escola, a participação dos pais é essencial para o desempenho da criança, uma vez que se refere a aprendizagem de seu filho para educa-lo para a convivência com os demais membros da comunidade escolar. Porém de acordo com (FREIRE, 1987, p. 68). “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. ”

Paulo Freire afirma que, a família sendo o primeiro contato da criança é dela a total responsabilidade no seu desenvolvimento, é onde a criança aprende os primeiros valores éticos e cristãos, tendo como princípios valores, respeito e cultura.

A família possui a responsabilidade maior em educar, em desenvolver o caráter, transmitir valores culturais, éticos e morais. A escola atua em complemento da formação da criança, ao transmitir os conhecimentos científicos, em transformar o conhecimento do senso comum.

LIBANEO (2000,p.9) diz:

Não dizemos mais que a escola é a mola das transformações sociais. Não é sozinha. As tarefas de construção de uma democracia econômica e política pertencem a várias esferas de atuação da sociedade, e a escola é apenas uma delas. Mas a escola tem um papel insubstituível quando se trata de preparação das novas gerações para enfrentamento das exigências postas pela sociedade moderna ou pós-industrial, como dizem outros. Por sua vez, o fortalecimento das lutas sociais, a conquista da cidadania, depende

de ampliar, cada vez mais, o número de pessoas que possam participar das decisões primordiais que dizem respeito aos seus interesses.

As duas instituições, mesmo com funções tão semelhantes e ao mesmo tempo distintas deveriam se complementar no processo de ensino, assim uma funcionária com o auxílio da outra. Muitos conceitos culturais são instituídos na família, é na família que as pessoas observam o mundo e como reagir perante as situações, mesmo que depois modifiquem os pensamentos de acordo com a idade e conhecimento adquirido, mas muitos paradigmas ainda ficam intrinsecamente ligados a muitos conceitos do senso comum.

Perante tantas mudanças nos aspectos culturais, econômicos, políticos, históricos e o surgimento de uma sociedade moderna, a denominação de família também teve uma ressignificação, e essas afetaram a existência pessoal e social de muitas famílias, parecendo que as mesmas ficaram sem direção, em saber distinguir sua função para com os filhos e a educação. De acordo com Ariès:

A família moderna retirou da vida comum não apenas as crianças, mas grande parte do tempo e da preocupação dos adultos. A mesma correspondeu a uma necessidade de intimidade, e também de identidade: agora os membros da família se unem pelo sentimento, o costume e o gênero de vida. (ARIÈS, 1978, p. 278).

Para essa inquietação histórica e mudanças sociais, Freire nos alerta sobre a necessidade de o professor estar sempre em movimento, ou seja, não se deixar parar no tempo e juntamente com a escola realizar o melhor trabalho, mediando as crianças para sua formação plena, sem se questionar de quem é a função, escola ou família.

Certa vez, [...] visitei uma sala em que se expunham fotografias das redondezas da escola. Fotografias de ruas enlameadas, de ruas bem postas também. Fotografias de recantos feios que sugeriam tristeza e dificuldades. Fotografias de corpos andando com dificuldade, lentamente, alquebrados, de caras desfeitas, de olhar vago. [...] dois professores faziam comentários em torno do que lhes tocava mais de perto. De repente, um deles afirmou: "Há dez anos ensino nesta escola. Jamais conheci nada de sua redondeza além das ruas que lhe dão acesso. Agora, ao ver esta exposição de fotografias que nos revelam um pouco de seu contexto, me convenço de quão precária deve ter sido a minha tarefa formadora durante todos estes anos. Como ensinar, como formar sem estar aberto ao contorno geográfico, social, dos educandos?" (FREIRE, 1996, p.51).

O tempo mudou, a formação familiar também modificou, porém as funções dos responsáveis ainda estão registradas em lei e devem ser mantidas e feitas, não somente o essencial para a sobrevivência, mas desde o nascimento as crianças precisam de uma orientação afetiva, cabe a responsabilidade do núcleo familiar para formação integral da criança, ficando a escola responsável pela educação formal e científica. O melhor caminho para o pleno desenvolvimento da criança, seria a parceria entre escola e família, uma dando suporte para a outra.

Conforme o que está descrito na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB (Lei 9.394/96) afirma:

"A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". (LDB/1996. art. 2º).

3.3.1 Principais Dificuldades de Aprendizagem Devido a Carência Afetiva

Os acontecimentos que estão gerando as mudanças na estruturação econômica da população, têm afetado várias famílias e desencadeando problemas, esses muitas vezes influenciam nas atitudes dos filhos na escola, alunos com dificuldades de concentração, de envolvimento social, relação professor aluno, problemas emocionais, de conduta, e os próprios alunos se percebem mais carentes de competências acadêmicas, possuindo conceitos negativos de si mesmo, tendo dificuldade em se expressar.

Alterações de humor, auto-estima baixa aliados aos problemas citados acima, acarretarão com certeza em dificuldade em aprender e por estarem em desenvolvimento as crianças não têm capacidade para compreender o que acontece internamente e como lidar com as súbitas mudanças, e desta forma crianças antes adequadas socialmente passam a apresentar condutas agressivas ou se isolando socialmente. Todos esses indícios de carência afetiva, podem acabar confundido laudos precoces

Para se ter um diagnóstico de alguma síndrome é necessário acompanhar se as dificuldades na aprendizagem, comportamentos alterados ou modificados ocorrem diariamente ou em determinadas situações, e se nesses momentos podem ser considerados um desvio representando perigo ou um trauma maior para si ou para o outro colega de classe, a análise desses problemas educacionais, portanto

precisam ser pesquisados dentro do âmbito psicopedagógico e psiquiátrico, para de fato terem acompanhamentos específicos.

Não é clichê a fala que cada aluno é único, pois em sala de aula o professor encontrará problemas de aprendizagem oriundos de falhas da família quanto da escola, muitas dessas dificuldades cognitivas decorrentes não somente de fatores físicos, mas de carência afetiva.

Piaget (2003) relata que o cognitivo e o afetivo são considerados inseparáveis, para que ocorra a aprendizagem precisa haver a motivação, pois todos os sentimentos e emoções, como medo, ansiedade, insegurança, satisfação, serão necessários para o ato de aprender.

Conforme Vygotsky (2003) “os afetos se classificam em positivos e negativos”, onde os positivos seriam as emoções de alegria, entusiasmo, tranquilidade, e os afetos negativos estariam ligados a raiva, culpa, tristeza, cobranças. Devido a estes sentimentos o processo de ensino-aprendizagem favorecem ou não ao desenvolvimento cognitivo.

Portanto, as dificuldades de aprendizagem precisam ser analisadas nos contextos de cada criança, pois além dos fatores externos, como a família outros caminhos devem ser observados, como o afetivo, social, psicomotor e o cognitivo dentro do ambiente escolar

Muitos problemas emocionais na escola se manifestam pela ansiedade, angústia, tristezas, choros sem nenhum motivo aparente, recusa para executar as atividades, agressividade, fuga da sala de aula e por fim a evasão escolar.

Diante de tantas manifestações, mesmo assim, a escola ou a família não consegue identificar que se trata de um problema emocional, acaba encaminhando para acompanhamentos psicológicos sem resultados e esses alunos muitas vezes recebem medicação apenas para camuflar um problema que poderia ser resolvido com uma conversa mais intimista. A maioria dos profissionais envolvidos no processo da aprendizagem não sabem como solucionar os problemas afetivos e acabam interpretando como falta de interesse, má educação e indisciplina.

Os problemas emocionais e sociais podem desempenhar um papel importante nas dificuldades gerais de aprendizagem e no rendimento, seja como fator etiológico fundamental ou colateral (por exemplo, por deficiências na motivação, na concentração ou no planejamento da conduta; má relação com o professor ou com os colegas; protesto contra os pais por meio de sua conduta escolar;

baixo sentimento de autoestima; baixo sentimento de auto eficácia; ansiedade excessiva, dentre outros), seja como consequência das próprias dificuldades gerais ou específicas de aprendizagem e do baixo rendimento (por exemplo, provocando conflitos com o professor; consideração negativa dos colegas, baixa autoestima; ansiedade diante dos resultados; rejeição por parte dos pais; problemas de conduta na sala de aula ou fora dela, etc). (COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2007, p. 120).

As porcentagens de reprovações escolares e o grande número de estudantes com atraso escolar são alarmantes, muitas vezes as dificuldades das crianças no processo educacional se enquadram em laudos e em encaminhamentos, cuja queixa principal é genericamente chamada de problema de aprendizagem, problemas esses sem sua grande maioria sem diagnóstico concluído, como inúmeras queixas nos consultórios, de bullying, tristezas, desmotivação não somente para estudar, mas em todas as atividades diárias, afastamento social, agressividade, irritabilidade, mudança de humor repentinamente, dentre outros sintomas.

É preocupante o número de encaminhamentos à psicólogos de crianças que já no início da alfabetização trazem queixas de indisciplina, e automaticamente enquadrado como problemas de TDAH, sendo medicados, ficando aparentemente “calmos” em sala de aula, sem grandes problemas de disciplina, mas em seu emocional profundamente inquieto.

Diante de tais problemas psicológicos e dificuldades de aprendizagem, os múltiplos fatores externos que estão envolvidos para que a aprendizagem aconteça são esquecidos, Fernandez (1990) propõe dois grupos de fatores vinculados às dificuldades de aprendizagem, sendo o primeiro relacionado à estrutura educacional e o segundo correspondendo a causas internas individuais do sujeito ou de seus familiares, ou seja, causas familiares, ao pensar como uma criança irá conseguir se concentrar em sala de aula estando com fome, preocupada em chegar em casa e sofrer violência, abusos, com certeza o emocional ficará psicologicamente abalado.

Em nossa sociedade a escola é o principal veículo de educação sistemática, se restringindo a transmitir às crianças de modo geral apenas os valores e conhecimentos, comportamentos da cultura dominante, nem sempre considerando o que a criança traz consigo de aprendizagens anteriores à escolarização, desta forma a desmotiva na interação escola – família – sociedade.

Desta maneira, após os encaminhamentos necessários para verificar alterações orgânicas ou cognitivas não apresentarem resultado justificáveis, a possível hipótese a ser estudada seria a interferência afetiva.

E como utilizar o método lúdico para sanar essas dificuldades? Partindo de um único pressuposto, sendo afetivo, gostando do encantamento, do ato de brincar e participar ativamente na brincadeira, pois o professor precisa se entregar à brincadeira, querer também utilizar o lúdico, e não somente por obrigação ou porque acredita ser algo inovador.

3.3.2 Conceito das Dificuldades de Aprendizagem na Escola

Após inúmeras pesquisas se chega à conclusão que muitos distúrbios ou transtornos cognitivos não são os únicos empecilhos para as dificuldades de aprendizagem.

Os distúrbios são dificuldades relacionadas principalmente na fala, audição, leitura, escrita, já os transtornos geralmente vem acompanhados de laudos médicos, pois precisam ser diagnosticados por especialistas após muitos exames e consultas. Pensando nesses fatores, a necessidade dos profissionais responsáveis pelo aprendizado, buscarem sempre metodologias diversificadas, terem um plano de aula focado em seus alunos, desta forma conseguirão atingir os objetivos finais.

Diante de tantas dificuldades, essa criança precisa se sentir acolhida no ambiente escolar, para que não fique retraída e perca a autoestima. A equipe escolar em harmonia com a família devem estabelecer sempre contato e ter a aceitação das limitações da criança, fator esses fundamental para que ela não seja desestimulada e sinta vontade de estudar, assim poderá assimilar novas propostas do conteúdo e realmente fazer parte da sala com os demais colegas.

As dificuldades abordadas a seguir necessitam de acompanhamento especializado, nem todas requerem laudos, e nem todas exigem medicação, como já mencionado, quando o aluno apresenta alguma dificuldade deve ser observado e quando preciso deverá de procedimentos externos e métodos diversificados para aprender e principalmente da afetividade ainda mais presente. Dentre as dificuldades mais conhecidas e recorrentes em sala de aula estão, a dislexia(dificuldade de compreender a leitura e a representação dos fonemas), discalculia(dificuldade em entender os conceitos matemáticos), disgrafia(distúrbio na

escrita, onde a criança alterna entre números e letras), dislalia (distúrbio na fala, onde a criança realiza troca de letras), disortografia (dificuldade no desenvolvimento na linguagem), dificuldades estas referentes a escrita, leitura, compreensão, cálculos, escuta de sons, ou seja, todas possivelmente podendo ser diagnosticadas e tratadas por um profissional responsável, como também acessível para o professor poder intermediar e auxiliar no processo de aprendizagem.

Os processos de aprendizagem são refeitos diariamente, o papel do professor estaria em primeiramente fazer avaliações diagnosticas, para reconhecer a maior dificuldade, em seguida seguir com atividades que oportunize o desenvolvimento de todas as áreas, com métodos diferenciados, a avaliação deve ocorrer de forma processual, é de suma importância o professor ser um pesquisador e agir de forma mais afetiva diante desses obstáculos, assim com certeza o seu aluno se sentirá seguro e aceito na sala de aula, demonstrando interesse em aprender apesar de suas limitações.

Como solucionar essas dificuldades? Tendo como foco principal a vida dessa criança, sabendo em quais contextos ela convive diariamente, pois ser professor é ir além da sala de aula, é saber se aluno dormiu a noite, se sofre traumas ou violências, é tentar buscar entender todos as possibilidades dele não estar progredindo cognitivamente.

A sala de aula deve ser o ambiente mais seguro e aconchegante que todas as crianças merecem, aprender precisa ser um ato prazeroso, e sentir empatia pelo professor é essencial, pois saberá que ali conseguirá sonhar e seguir em frente apesar de todas as dificuldades sociais, físicas, econômicas, para tanto a importância do afeto no ambiente escolar.

Todas as dificuldades, transtornos e distúrbios, de aprendizagem, podem ser “curados” e acompanhados por profissionais responsáveis, mas que todos possuam o essencial em seu trabalho com as crianças, que seria o pensar afetivo.

A criança por próprio da ingenuidade age com amor quando realmente lhe satisfaz, tudo que está interligado para seu crescimento mental, emocional, social deve ser transmitido com a mesma intensidade de afeto, de maneira clara, a prática dos professores deve ser objetiva e que desperte essa empatia em aprender brincando.

Para os professores, com certeza uma grande batalha diariamente, porém compensador em auxiliar uma criança a poder se expressar, demonstrando o que se

passa no seu interior, independente dos fatores externos, que toda criança possa aprender e desenvolver suas relações cognitivas gradativamente conforme seu processo estrutural neurológico.

E sem dúvida a melhor metodologia estabelecida para tal aprendizagem significativa é o lúdico, é trazer à essas crianças o prazer em aprender. Para Cunha (2001,p.14): “Brincar desenvolve as habilidades da criança de forma natural, pois brincando aprende a socializar-se com outras crianças desenvolve a motricidade, a mente, a criatividade, sem cobrança ou medo, mas sim com prazer” . A principal preocupação da educação deveria ser a de propiciar a todas as crianças um desenvolvimento integral e dinâmico. É importante que os conteúdos correspondam aos conhecimentos gerais das crianças, a seus interesses e necessidades, além de desafiar sua inteligência.

O professor que ensina conteúdos com jogos, com músicas, que leciona com emoção e que faz de sua sala de aula um ambiente acolhedor, onde as crianças gostem de estar, levará esse aluno a ser o sujeito de sua aprendizagem, pois a espontaneidade e a criatividade estarão presentes, e elas terão a capacidade de enfrentar as dificuldades de aprendizagem de forma mais natural possível, sem cobranças, medos, frustrações ou angústias , e sempre com o apoio afetivo do professor e da família para se desenvolver plenamente.

Segundo Cury (2008, p.48):

a afetividade deve estar presente na práxis do educador, os educadores, apesar das suas dificuldades são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinados por máquinas, e sim por seres humanos.

Partindo desse pressuposto, a função do professor, deve estimular e proporcionar ao aluno o prazer pelo aprender, despertando a curiosidade, a emoção, o querer desenvolver algo novo, a criatividade, e ao mesmo tempo lidando com todas os sentimentos envolvidos. O professor consegue influenciar por meio de diálogos, transmite o afeto somente no olhar, quando o aluno se sente motivado já seria o caminho mais curto para conseguir e querer estudar.

O afeto e o desenvolvimento cognitivo se completam, as crianças, adolescentes, inclusive adultos, somente terão algum rendimento, seja no âmbito educacional ou no trabalho se o emocional estiver equilibrado.

Na escola a primeira demonstração de afeto seria o trabalho com o lúdico, pois por meio dele a aprendizagem acontece espontaneamente, sem a necessidade de falsidade por meio do profissional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa bibliográfica teve por objetivo selecionar diferentes subsídios científicos disponíveis sobre assuntos que compõem o desenvolvimento cognitivo, sendo eles jogos, brincadeiras, brinquedos, e principalmente a importância da afetividade em diferentes aspectos de desenvolvimento social da criança. As estratégias e bibliografias utilizadas são ferramentas que ganham sentido no âmbito do desenvolvimento do artigo, onde a sustentação e mobilização na prática pedagógica.

Ocorreu a comprovação de que realmente as características familiares, sociais, culturais, interferem na capacidade de aprendizagem dos alunos. Pois muitas famílias infelizmente não possuem o acompanhamento, tanto educacional, com também a carência de alimentos, itens básicos de sobrevivência, ou principalmente de atenção, afeto, pois muitas dessas crianças apresentam déficit de atenção, agressividade e demais laudos que poderiam ser revertidos se essas tivessem o prazer de serem crianças e a motivação em aprender, sendo esse interesse sendo trabalhado com o lúdico.

O lúdico é a única forma de comunicação de muitas crianças que não se expressam de outra forma, pois os jogos simbólicos trazem um real significado para as vivências de problemas que enfrentam em seu cotidiano.

Para desenvolver o conhecimento toda criança ou qualquer pessoa precisa sair de sua zona de conforto, requer o desequilíbrio psíquico, para assim reorganizar as estruturas mentais, e todo esse processo ocorre em conflitos internos e externos, ou seja, muitas vezes internamente, psicologicamente, emocionalmente se precisa estar bem para conseguir internalizar algo novo, um novo conhecimento.

Enfim, para a aprendizagem ter significado, ela precisa estar voltada não apenas para o cognitivo, a preocupação das escolas, não deveria ter como respaldo somente a grade curricular e planejamentos anuais, todo professor tem a obrigação

de entender e querer desenvolver métodos educacionais que tragam prazer aos alunos. O ambiente escolar precisa ser um local acolhedor além de uma instituição que realiza ações sociais para desenvolver o aluno como todos os elementos necessários para atuarem na sociedade como um todo.

O trabalho com o lúdico possibilita para que o desenvolvimento cognitivo aconteça de forma natural, onde as crianças conseguem realizar as relações entre os diversos contextos que estão inseridas e estabelecer seus próprios limites resolvendo por meio de jogos simbólicos diversas dificuldades de aprendizagem. Juntamente com o lúdico o prazer seria a emoção fortemente interligada nesse processo, para isso o professor precisa ter a consciência de sua responsabilidade nesse trabalho.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Phillippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.
- ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola: educando com firmeza**. Londrina: Maxiprint, 2006.194p
- BALESTRA, M. M. Maria. **A Psicopedagogia em Piaget**. Curitiba: Ibpex, 2007.
- BENJAMIN,W. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus,1984
- BOCK, Ana Maria Mercês Bahia -et al, (1991), **Psicologias uma introdução ao estudo de Psicologias**, (5º ed), Editora Saraiva.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.
- BRASIL. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/ 1996, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- CABRAL, A.; NICK, E. **Dicionário Técnico de Psicologia**. São Paulo: Cultrix, 1999.
- COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CUBERO, R. **Relações sociais nos anos escolares: família, escola, companheiros**. In; COLL, C. Desenvolvimento psicológico e educação. V. 1. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995
- CID-10(1993) - **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento: Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas - Coord. Organização Mundial da Saúde**; trad. Dorgival Caetano - Porto Alegre: Artes Médicas.
- FANTACHOLI, F. das, N. **O brincar na educação infantil: jogos, brinquedos e brincadeiras – Um olhar psicopedagógico**. Revista Científica Aprender, Minas Gerais, 5ª Ed, 12/2011.
- Fernández, A. (1990). **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artes Médicas.

Fernandez, A. (1991). **A Inteligência Aprisionada: Abordagem Psicopedagógica Clínica da Criança e sua Família**. Porto Alegre: Artes Medicas.

FERREIRA, N. S. C. **Supervisão Educacional: novas exigências, novos conceitos, novos significados**. In: RANGEL, M. (org.) *Supervisão Pedagógica: princípios e práticas*. Campinas: São Paulo, 2001

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KISHIMOTO Morchida. **Brinquedo e brincadeira. Usos e significações dentro de contextos culturais**. In SANTOS, Santa Marli Pires dos (org.) 4 ed. *Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos*. Petrópolis: vozes, 1997.

KISHIMOTO, T. (org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. 3º Ed. São Paulo: Cortez, 1999.

KISHIMOTO. **Brinquedo e brincadeira**. In SANTOS, Santa Marli Pires dos Santos (org.) 4 ed. *Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos*. Petrópolis: vozes, 2000.

KUHLMANN JR., M., (1998). **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 2000.

LINDAHL, N.Z. (1988) - **Personalidade humana e cultura: aplicações educacionais da Teoria de Erik Erikson**. *Revista brasileira de estudos pedagógicos*, Brasília, 69(163):492-509.

MARINHO, Herminia Regina Bugeste. **Pedagogia do movimento universo lúdico e psicomotricidade**. 2. ed. Curitiba: IBPEX, 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE. **Parâmetros curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Família Hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PAIN, S. (1985) - **Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas.

PIAGET, J. **Adaptation vitale et psychologie de l'intelligence**. Paris, Hermann, 1974.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

Comentado [F1]: Ver no modelo, as referências devem estar ajustada à esquerda com espaçamento simples, tem algumas referências com espaço diferenciado

- PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999
- PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação**. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- PIMENTA, Selma Garrido. **O Pedagogo na Escola Pública**. São Paulo: Loyola, 1991
- SPODEK, Bernard; SARACHO, Olívia N. **Ensinando crianças de 3 a 8 anos**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertad, 1995
- VISCA, Jorge. **Clinica Psicopedagógica Espistemologia Convergente**, Porto Alegre, ArtesMédicas, 1987.
- VISCA, Jorge. **Psicopedagogia- Novas Contribuições**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1991.
- VYGOTSKY, L. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1998
- VYGOTSKY L. S. (1998b). **As emoções e seu desenvolvimento na infância**. In O desenvolvimento psicológico na infância (pp. 79-106). São Paulo: Martins
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- WALLON, H. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Estampa, 1986.
- WALLON, H. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1989.
- WINNICOTT, Donald Wood. **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 1994
- <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0,43,432220,432360,432345,431550,430690,430930&cat=128,-15,-16,55,-17,-18&ind=4704>
- http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&%20pid=S1413-294X2006000100009#bac